

QUINTA-FEIRA • 14 DE SETEMBRO DE 2017

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31521 de 14 de Setembro de 2017, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.



DESPERTAR ESPERANÇA

ESPERAR CONTRA TODA A ESPERANÇA
EDUARDO K. 18

NOVO ANO PASTORAL

ENTREVISTA

PE. SÉRGIO TORRES

SECRETÁRIO DA PASTORAL

— P. 3-5 —

O NOSSO CRISTO PRETO

SOFIA VILAR

LEIGA MISSIONÁRIA NA PARÓQUIA DE SANTA CECÍLIA DE OCUA, PEMBA, MOÇAMBIQUE (PELO CENTRO MISSIONÁRIO ARQUIDIOCESANO DE BRAGA)

Como missionários, aqui, andamos sempre de crucifixo ao peito. Foi-nos simbolicamente oferecido pelo Arcebispo, D. Jorge, na nossa Missa de Envio.

Este é, talvez, o símbolo maior da Igreja Católica, uma imagem de dor, de sacrifício, de entrega pelo outro, por nós. De entrega por nós.

Neste século de “amor de todas as cores e feitios”, fomos ensinados a desconstruir a vergonha de amar, a abrir um caminho de chegada descomplexada ao outro por amor, como irmãos por quem Jesus se deu, carne do mesmo sacrifício. Porque a nossa Igreja não é dor, é amor.

Por este amor, porque “missão é amor”¹, fomos convidados a sair, a ver além do aparente, ler além do que está escrito, ouvir mais do que é dito.

Chegámos a Ocua em Julho, pleno Verão... português. Em Moçambique, era e é Inverno e anoitece muito

cedo. Mas anoitece devagar e é possível contemplar o pôr do sol e ouvir os ritmos a mudar.

De noite, há quase sempre festa lá fora.

Dentro, pedimos a Deus que nos salve quando velamos, nos guarde quando dormimos e nos renove energias para o dia que amanhecerá, cedo também. Muito cedo.

Ainda assim, os dias parecem longos – permitindo-nos mil tarefas diferentes –, embora o tempo pareça curto – não nos permitindo mil outras –, e as semanas pareçam voar – apesar de ainda só terem passado oito.

Confesso que a adaptação pareceu, ao chegar, mais fácil do que julgava ser.

Sinto que viemos preparados para as várias dificuldades e formados para muitas das necessidades, abertos à dádiva recíproca – engane-se quem pensa que só viemos dar. Todos os dias recebemos novas bênçãos em forma de contínua descoberta.

Penso que a maior dificuldade é saber aceitar a diferença do outro. Aqui, como aí. E vejo que a maior grandeza é saber aceitar a mesma diferença.

Dizia Nelson Mandela que ninguém nasce a odiar ninguém e que, se podemos aprender a odiar, podemos ensinar/aprender a amar².



Não é raro que uma criança nos veja, nas várias visitas às comunidades, e fuja a sete pés. Como não é raro o bebé que nos sorri só de lhe darmos um pouco de atenção. Então, onde é que “entre bebé e criança” nos entra, no coração, o medo da entrega ao outro?

Aqui, em missão, não há espaço para reservas, para dúvidas, para medo.

Aqui, todos os dias, o Cristo de pau preto desce da cruz, em permanente dor e sacrifício, numa entrega incansável ao outro, e, por amor, caminha entre nós... de pés descalços.

¹É o lema tácito do missionário.

²“Ninguém nasce a odiar outra pessoa devido à cor da sua pele, ao seu passado ou religião. As pessoas aprendem a odiar, e, se o podem fazer, também podem ser ensinadas a amar, porque o amor é mais natural no coração humano do que o seu oposto”, Nelson Mandela.

*A equipa missionária de Santa Cecília de Ocua manifesta o seu pesar pelo falecimento de D. António Francisco dos Santos, Bispo do Porto, unindo-se em oração.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

11 de Setembro de 2017

"Dar o primeiro passo" é, sobretudo, ir ao encontro dos outros com Cristo, o Senhor.

10 de Setembro de 2017

A caridade ajuda a compreender a verdade, e a verdade exige gestos de caridade.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

11 Setembro de 2017

D. António, meu caro amigo, descansa em paz. Quase não acredito....



SANTO PADRE ELOGIA PROCESSO DE PAZ EM CURSO NA COLÔMBIA

O Papa Francisco terminou a visita apostólica à Colômbia com um elogio ao processo de paz em curso e conselhos para uma paz estável e duradoura, que implica caminhar no sentido “do bem comum, da equidade, da justiça, do respeito pela natureza humana e as suas exigências”. “Só se ajudarmos a desatar os nós da violência, é que desenredaremos a complexa teia dos conflitos”, alertou, lembrando que “Jesus encontra a solução para o dano causado no encontro pessoal entre as partes”.



PORTUGAL ACOLHE PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL DA AIS

Está a decorrer, em Fátima, uma peregrinação internacional da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS). A peregrinação, que começou na Terça-feira e termina amanhã, reúne colaboradores dos cinco continentes, incluindo padres, bispos e cardeais que ao longo do dia de hoje vão falar sobre as dificuldades de ser cristão em países como a Síria, Venezuela, Ucrânia, Filipinas, Cuba e Níger. A presidir à peregrinação encontra-se o presidente internacional da instituição, Cardeal Mauro Piacenza.



PAPA: "É PRECISO LEVAR A SÉRIO AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS"

O Sumo Pontífice alertou para a “responsabilidade moral” que todas as pessoas têm de “levar a sério” as alterações climáticas. “Quem as nega será julgado pela História”, sublinhou. Francisco lembrou ainda o facto de a ciência ser “muito clara” sobre esta matéria. “Se não arrepiarmos caminho, vamo-nos afundar”, acrescentou. As declarações surgiram a propósito da recente devastação causada pelos furacões Harvey e Irma. O Papa dirigia-se aos jornalistas, a bordo do avião papal, de regresso a Roma após a visita à Colômbia.

“A PARTIR DA NOSSA PRÓPRIA RENOVAÇÃO É QUE RENOVAMOS TUDO”

NOVO ANO PASTORAL



FILIPA CORREIA

TEXTO E FOTOS

O novo Ano Pastoral tem como objectivo “Despertar Esperança”. Pe. Sérgio Torres, secretário da Pastoral, participou na construção do programa e revela que o tema para este ano “tem por trás outras coisas, como o desejo de renovação pastoral, espiritual e paroquial”. Mas essa renovação, acredita, acontece “de dentro para fora”, com a tónica colocada na fé em Deus. “A partir da nossa própria renovação é que renovamos tudo”, defende.

COMO SURTIU O TEMA — “DESPERTAR ESPERANÇA” — PARA O NOVO ANO PASTORAL?

Nos últimos cinco anos tivemos um programa sobre a fé e a redescoberta da nossa identidade cristã, sempre à volta da fé: a fé professada, contemplada, anunciada, etc. Achámos que seria bom dar continuidade, até porque uma das críticas que muitas vezes apontam — positivas, naturalmente — é que

de plano para plano, que muda de cinco em cinco anos, perde-se o que já existia. E sabemos o que é que acontece se estivermos sempre a transplantar uma árvore, não é? Não cresce. Aqui é um bocado a mesma situação. Por isso, achámos que seria interessante, nesta lógica de não estarmos sempre a transplantar coisas, sempre a mudar o alinhamento que temos, continuar no campo das virtudes. Passámos da fé para a esperança, continuamos na mesma óptica, depois da fé nasce esta esperança, que se há-de traduzir no amor. Nós achámos por bem manter o ritmo, não para falar propriamente sobre a virtude teológica da esperança, mas sobre tudo aquilo que a nossa esperança em Cristo e a redescoberta da nossa identidade cristã nos podem trazer agora. Por todas as razões e, como diz o nosso povo, por mais uma, se há palavra que nós precisamos, se há motivação que nós mais necessitamos, de facto é esta, a da esperança. Porque vamos vendo os números que às vezes nos desanimam, porque muitas vezes vivemos no campo da lamentação e do pessimismo. Fazemos muitos diagnósticos, a situação já está mais do que diagnosticada, mas temos pouca capacidade de levantar os pés e começar a caminhar para dizer: “De facto vale a pena”. Precisamos de

voltar à fonte, e o programa pastoral parte daqui, da fé que nós temos, daquilo que descobrimos, para agora dizermos: “É com esta fé que temos e com esta redescoberta da nossa identidade cristã, que não está tão alicerçada em nós mas está alicerçada em Cristo, na Santíssima Trindade, que nós queremos caminhar”. O programa parte deste desafio da esperança e tem por trás outras coisas, como o desejo de renovação pastoral, espiritual e paroquial.

Tentámos apanhar isto tudo com a tónica da esperança, com esta lógica de ligarmos as duas virtudes, e agora vamos ver o que vai dar o caminho. Tentámos criar uma lógica interna, dentro do próprio programa, para que as coisas partam de dentro para fora, porque é daqui que nasce a renovação. A partir da nossa própria renovação é que renovamos tudo, depois traçamos o resto das metas.

COMO É QUE FÉ E ESPERANÇA SE CRUZAM?

Na nossa relação com Deus, cruzam-se a fé, a esperança e a caridade. Digamos que estes primeiros cinco anos serviram para voltarmos ao essencial, voltarmos à fonte, e é quando voltamos à fonte que percebemos quem somos e, sobretudo, percebemos que não estamos sozinhos, que estamos nas mãos de Jesus. A ideia foi regressarmos àquilo que é essencial,

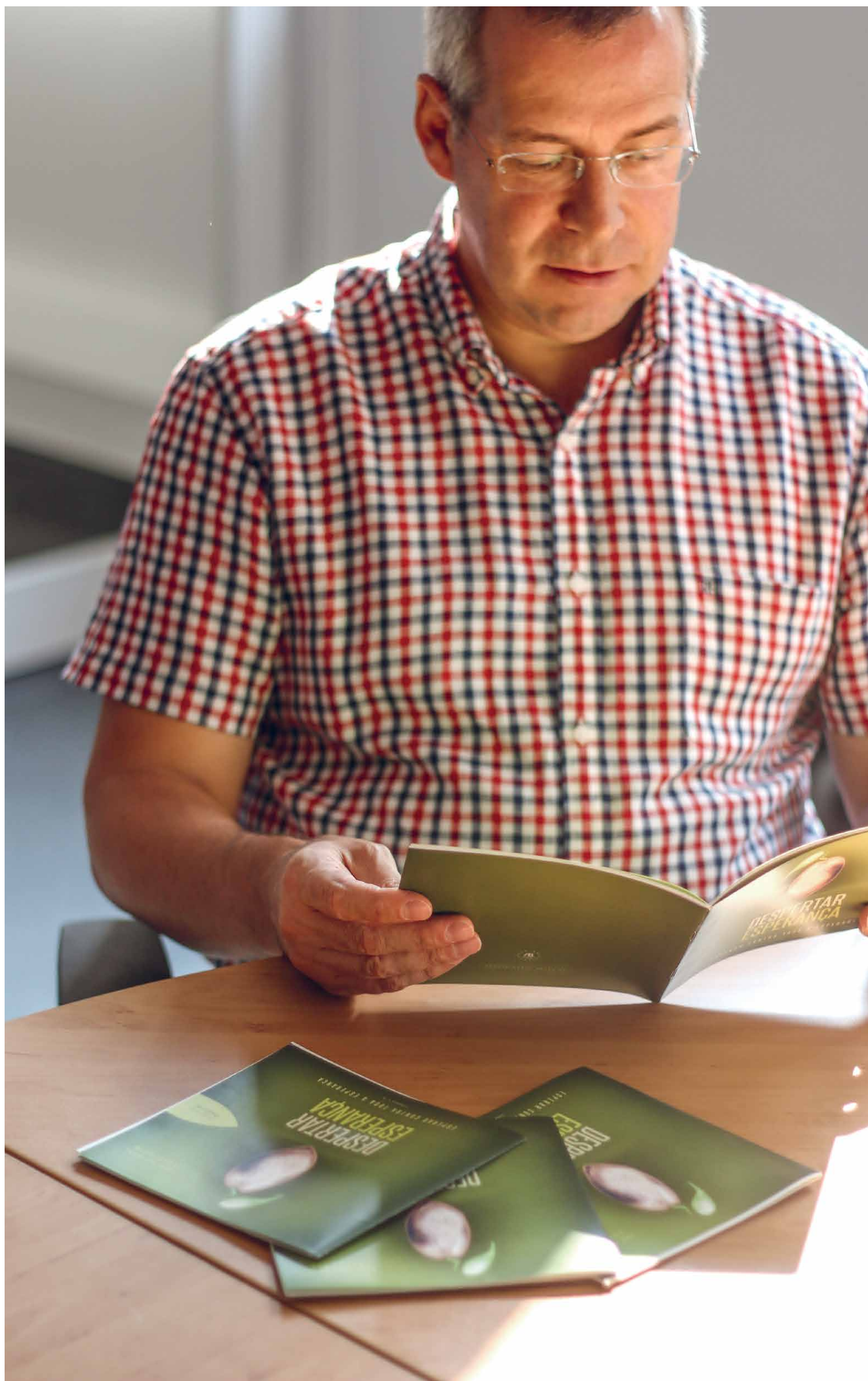
até porque muitas vezes estamos apoiados nos nossos esquemas, nas nossas coisas, naquilo que queremos fazer e pensamos muito pouco naquilo que Deus quer fazer connosco. Pedimos muitas vezes ao Senhor para abençoar as coisas que nós fazemos, mas pedimos poucas vezes para ele nos abençoar a nós, para colaborarmos naquilo que ele quer que nós façamos. Acho que são perspectivas diferentes. Eu tenho dito muitas vezes que nós não temos razões para desanimar porque se isto é d'Ele, Ele não nos pode deixar completamente desamparados, não pode. Como isto é d'Ele, como o reino é d'Ele, como o trabalho é d'Ele, não há nenhuma razão para nós não termos esperança, muito pelo contrário. Temos é que trabalhar, com motivação, com esperança, mas centrados naquilo que é essencial, que é a nossa fé em Deus. Quando tudo está colocado nas Suas mãos, percebemos que não há outra forma de trabalhar a não ser voltarmos-nos para Ele, porque é d'Ele que pode nascer a nossa esperança.

COMO É QUE SE AJUDA PESSOAS QUE NÃO SÃO CRENTES A ENCONTRAREM ESPERANÇA NAS SUAS VIDAS? É POSSÍVEL A IGREJA “APROVEITAR” ESSA DESESPERANÇA PARA CATIVAR AS PESSOAS?

Uma vez participei num encontro em Fátima em que estava lá um padre que

disse que a filosofia pastoral dele era esta: a pastoral de não perder uma única oportunidade. Isto é, seja pela razão que for, quando uma pessoa pede um sacramento, quando pede um papel num cartório paroquial, quando bate à porta da igreja, num funeral, numa celebração qualquer, até quando encontra o padre, ele dizia que aproveitava sempre para fazer daquilo um momento pastoral ou uma oportunidade pastoral. No fundo, ao estilo de Jesus. Fosse pela razão que fosse. Alguns vinham com más motivações, para persegui-Lo, e Ele aproveitava para anunciar o que tinha para anunciar. Isto diz muito daquilo que nós queremos fazer, ou seja, nós não conseguimos motivar todas as pessoas, agarrar todas as pessoas, mas temos sempre uma mensagem para levar. Eu acho que o grande caminho para conseguirmos fazer com que as pessoas que estão um pouco afastadas da Igreja se aproximem passa pelo relacionamento e pelo acolhimento, pela relação pessoal. Nós, na Igreja, muitas vezes não conseguimos criar esta relação. Dizemos que temos comunidades, mas de facto não temos. Temos teoricamente, mas a comunidade como tal não funciona. Creio que um aspecto importante é este, a questão da relação, que as pessoas se sintam parte de um grupo, parte de alguém, que digam: “Eu tenho amigos na Igreja. Tenho amigos no trabalho, tenho amigos na família, tenho o meu grupo de amigos fora do ambiente familiar e do trabalho, mas também tenho amigos na Igreja. Há ali uma relação que me chama e que puxa por mim”. Em segundo lugar, creio que é também a questão do acolhimento. A nossa comunidade não é suficientemente acolhedora. As pessoas vêm, entram na igreja, saem, e pronto, ninguém pergunta nada, ninguém sabe de nada. Eu creio que estes são dois aspectos importantes no nosso trabalho pastoral, depois virá o resto. Podem perguntar onde é que entram o Evangelho e a doutrina no meio disto tudo. Em primeiro lugar, um anúncio do Evangelho já é relação, que era o que Jesus criava com muita gente, aliás, muitas vezes encontramos-Lo no Evangelho sentado à mesa, a criar relação com as pessoas, a comer, a conversar. E sempre no acolhimento de toda a gente, nunca ouvimos Jesus dizer a ninguém: “Vai para trás, não estou para te aturar, estou farto de ti, estou cansado deste dia, já não te quero ouvir mais”.

A proposta que este programa pastoral faz dos “semeadores da esperança”, destes pequenos grupos, vem também neste sentido, de formar grupos que partindo da palavra de Deus possam criar este espírito de acolhimento e relação. Imagino que muitas pessoas



comecem também a sentir uma proximidade muito maior com pessoas da sua comunidade, do seu grupo, da sua rua, porque construíram esta relação que os vai ligar uns aos outros. Isto é que é comunidade, quando nos preocupamos uns com os outros, quando temos uma relação forte, quando, se faltei à missa durante três semanas, alguém me pergunta: “Então, está tudo bem consigo? Já não o via há três semanas...”. Nas nossas igrejas praticamente ninguém pergunta isso a ninguém. Ora, isto não é comunidade, não é um sítio onde nós rezamos uns com os outros, onde nos ajudamos uns aos outros a crescer na fé. E é nestes pequenos grupos que se estabelece uma relação de confiança, de proximidade, de acolhimento do outro, sem crítica, de aceitação e de compromisso. A ideia destes “semeadores de esperança” é pegar na palavra de Deus para, partindo daí, chegarmos a nós próprios, à nossa relação com Deus.

DE UMA MANEIRA GERAL, O QUE DESTACARIA DO PROGRAMA PASTORAL?

A ideia deste programa é não termos medo de arriscar, de experimentar coisas novas. O que o programa faz, sobretudo na parte onde apresenta desafios pastorais para o próximo ano, é, no fundo, dizer: “Já há muitas coisas que nós fazemos que podem começar a ter esta intencionalidade, ou seja, ajudar-nos a despertar a fé e o encontro com Cristo”. Nós tentámos elencar vários sítios onde nos podemos encontrar com Cristo. Estão aqui todos, a escritura, a liturgia, a eucaristia, o sacramento da reconciliação, a oração pessoal, a própria comunidade, os doentes. Isto já existe, já fazemos, portanto, não é preciso estar sempre a inventar: “Vem aí o programa pastoral, vamos multiplicar mais uma série de coisas”. Não. As comunidades podem reflectir: “Nós de facto já fazemos isto tudo, podemos é agora dar esta tonalidade da esperança e fazer com que o critério último de tudo aquilo que fazemos seja «isto ajuda-me a encontrar Cristo?»”. Caso contrário, seremos, como o Papa diz, uma ONG [Organização Não-Governamental], que pode ter umas actividades excelentes, mas não nos leva ao encontro com Cristo. É a partir do contacto com Jesus e do conhecimento das escrituras que nós conseguimos esta renovação pessoal. Partindo da renovação pessoal, renovando as pessoas, está renovada a comunidade. Quando tivermos uma comunidade que tem outro tipo de dinamismo, outro tipo de esperança, outra capacidade de sair, então será muito mais fácil para nós anunciarmos, batermos à porta

de alguém, convidarmos alguém para a nossa comunidade, para o nosso grupo. Porque aquilo que eu sinto é que na maior parte das nossas casas nem se fala de Jesus ou da Bíblia, é uma cultura do silêncio que faz com que os pais não falem, não rezem à mesa, não falem de Deus. Enquanto nós não formos capazes de ter este testemunho de vida e de encontro com Jesus, será muito difícil. E a ideia era ajudar nisto.

Vamos ver se ao longo do ano conseguimos, com estes grupos “semeadores da esperança”, com o trabalho que a diocese vai preparar — estamos já a preparar os documentos para as pessoas trabalharem nas paróquias — pôr as pessoas a reflectir sobre o que é ter uma relação pessoal com Jesus. Era importante que este ano nos ajudasse a proporcionar esse encontro pessoal com Jesus Cristo, para que nós percebamos o que é ser discípulo de Jesus.



PEGANDO NA QUESTÃO DA RENOVAÇÃO DA ARQUIDIOCESE, O QUE É QUE CONSIDERA SER NECESSÁRIO PARA ESSA RENOVAÇÃO E COMO É QUE PODE SER TRABALHADO?

Só vamos ao médico quando nos dói alguma coisa. Se não nos doer nada, não vamos. Eu creio que a primeira coisa que é necessário para fazermos uma renovação numa paróquia, num arcebispo, é termos a consciência de que temos um problema. Se tivermos um problema e se esse problema nos incomodar, vamos ao médico e vamos procurar soluções. Se tivermos um problema e acharmos que aquilo só vai moendo um bocadinho, que não incomoda tanto quanto isso, vamos deixando andar. Ou seja, se nós pensarmos assim: “Ainda temos gente nas igrejas, as pessoas ainda dão dinheiro para o padre viver e para as paróquias pagarem a água, a luz,

etc., temos baptizados, temos crianças na catequese, temos casamentos, a maior parte dos mortos continua a passar pela igreja”, não nos dói nada, não nos mói nada? Pronto, está tudo bem, continuemos, sigamos em frente. Se nós começarmos a perceber que se calhar quando as pessoas pedem um sacramento, um baptismo, um matrimónio, não estão a pedir aquilo que a Igreja tem para oferecer... Quando aparecem na catequese e se questiona se têm disponibilidade para acompanhar os filhos no crescimento de fé, começamos a perceber que há um problema. E quando temos um problema, das duas uma, ou ignoramos e esperamos que passe, ou consultamos o médico. Mas só quando percebemos que temos um problema é que vamos procurar soluções. É com esta consciência que no arcebispo de Braga vamos começar a fazer um curso de liderança nas comunidades eclesiais. Para que não seja só o padre a pensar, para que sejam as pessoas a pensar com o padre, a olhar para a realidade da nossa paróquia, detectar os problemas e arranjar soluções. Não faltam iniciativas de renovação pastoral, há muita gente que está a conseguir dar a volta à situação. O programa pastoral e o grupo de reflexão pastoral que o senhor D. Jorge criou também vão neste sentido, antes que entremos em desânimo e desmotivação.

MAS HÁ UM PLANO TRAÇADO OU A RENOVAÇÃO PASSARÁ POR INICIATIVAS DE PEQUENOS GRUPOS?

Apesar de fazer parte desse grupo de reflexão pastoral, é-me difícil falar a um nível macro da diocese, porque é difícil mexer com uma diocese, que é muito grande. É impossível, acho eu. A nível da diocese, penso que o trabalho passará muito mais por dar indicações e pistas do que mexer em cada paróquia. Será muito mais motivar e, num certo sentido, até “minar”, “picar” as pessoas, para perceberem que as coisas não estão bem. E quando digo isto não é no mau sentido, de fazer mais diagnósticos e tornar as coisas mais pesadas, cheias de lamentações, é antes no bom sentido, de dizermos: “Isto não corresponde à nossa missão, não estamos a cumprir a nossa missão, mas há muitos caminhos de esperança que é possível percorrer. Vamos trabalhá-los”.

O QUE DIZER OU ACONSELHAR A UMA PESSOA QUE ESTEJA A ATRAVESSAR UMA FASE COMPLICADA E QUE TENHA PERDIDO, POR ASSIM DIZER, A ESPERANÇA?

Uma coisa que eu acho que é importante — volto a destacar —, e sobre a qual nós na Igreja precisamos de reflectir, é a questão do relacionamento e do acolhimento. É verdade que a diocese, bem haja e

deve ser dito, já tem um serviço deste género, que é o Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual, nos Serviços Centrais da Arquidiocese, para onde são encaminhadas muitas pessoas em fases de vida complicadas. Eu acho que era importante as pessoas encontrarem, nas nossas comunidades, pessoas com quem possam falar. A questão da educação dos filhos, dos casais que têm problemas em determinadas situações do matrimónio, o luto... Quantas pessoas se revoltam contra Deus porque algum ente querido morreu sem contar e não conseguem lidar com aquilo, não conseguem ultrapassar, e não fazem o luto? Há aqui muitas situações que são de vida antropológica mas que também estão presentes nos Evangelhos, porque eram muitas situações que iam bater à porta de Jesus. Quando souberam que Jesus estava na casa da sogra de Pedro, toda a gente levou lá os aflitos, foram todos para lá, todos! E Jesus não deu doutrina a ninguém nem disse nada, curou-os. Diz lá no Evangelho: “Curou-os”. Não disse: “Vinde cá que vou-vos fazer uma sessão de catequese, e depois vou-vos curar”. Não, Jesus curou-os. Portanto, eu acho que por aqui também passa a missão do Evangelho e da Igreja.

Na missa entramos, saímos, vamos embora. Não se cria relação, não se cria comunidade. Sou eu, a minha fé, voltado para Jesus. É muito impessoal. E assim também não conseguimos perceber os problemas dos outros. Às vezes há pessoas que vêm gente na igreja a chorar e me vêm dizer. E não sabemos se é por causa da celebração, se é por causa de um problema que trazem, não sabemos. Não conseguimos ajudar as pessoas. Fará falta criar pequenos grupos, como os “semeadores de esperança”, para que as pessoas se sintam mais próximas e, quando alguém tiver problemas, saiba a quem recorrer. Um espaço onde as pessoas, de forma livre, possam falar do que quiserem. Que às vezes pode até não ter que ver directamente com fé, não faz mal. Pode ter que ver com as grandes questões da vida, com aquilo que as inquieta, que as incomoda. Tem que ver com fé? Tem, acho que tem. Tem que ver com o Evangelho? Seguramente, porque, como disse, Jesus não lhes deu nenhuma catequese, eles apareceram e Ele curou-os a todos. São as maleitas, e nós não temos só maleitas espirituais, também temos estas, às vezes, e que não são só quando aparece um cancro, ou quando alguém está a sofrer muito porque vai morrer, às vezes são problemas do dia-a-dia. É importante proporcionarmos momentos para as pessoas pararem, pensarem, falarem, porque vão olhar a vida de outra forma, acho eu.

“IDE VÓS TAMBÉM PARA A MINHA VINHA”

XXV DOMINGO
COMUM A

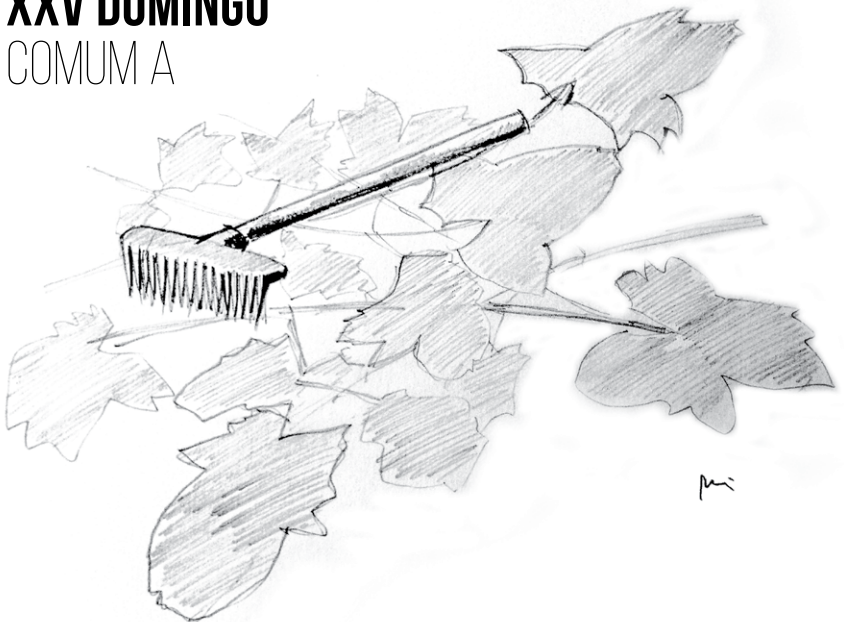


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Acção de graças.

CARACTERÍSTICA
Gratidão pela responsabilidade.

CONCRETIZAÇÃO: Em início de novo ano pastoral, tocados por toda a labuta das colheitas e trabalhos, o convite de Jesus – “Ide vós também para a minha vinha” – desafia-nos à participação responsável, empenhada, atenta. Para simbolizar esta atmosfera, sugerimos que se coloquem, distribuídas pelo chão, algumas folhas ou ramos de videira e sobre elas algum utensílio de trabalho.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** Deus nos acolhe em sua casa
- **APRES. DONS:** Tudo vos damos, M. Faria
- **COMUNHÃO:** Não fostes vós que me escolhestes, Az. Oliveira
- **FINAL:** Deus é Pai, Deus é amor, F. Silva

EUCOLOGIA

Orações próprias do XXV Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 419).
Orações Eucarística IV com prefácio próprio (*Missal Romano*, 537ss).

VIVER A ALEGRIA

Durante esta semana, logo ao começar o dia, vamos deixar ressoar no coração o dito de Jesus: “Ide vós também para a minha vinha”.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I IS 55, 6-9

Leitura do Livro de Isaías

Procurai o Senhor, enquanto se pode encontrar, invocai-O, enquanto está perto. Deixei o ímpio o seu caminho e o homem perverso os seus pensamentos. Converta-se ao Senhor, que terá compaixão dele, ao nosso Deus, que é generoso em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos, nem os vossos caminhos são os meus – oráculo do Senhor –. Tanto quanto o céu está acima da terra, assim os meus caminhos estão acima dos vossos e acima dos vossos estão os meus pensamentos.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 144 (145)

Refrão: O Senhor está perto de quantos O invocam.

LEITURA II FILIP 1, 20C-24.27A

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: Cristo será glorificado no meu corpo, quer eu viva quer eu morra. Porque, para mim, viver é Cristo e morrer é lucro. Mas, se viver neste corpo mortal me permite um trabalho útil, não sei o que escolher. Sinto-me constrangido por este dilema: desejaria partir e estar com Cristo, que seria muito melhor; mas é mais necessário para vós que eu permaneça neste corpo mortal. Procurai somente viver de maneira digna do Evangelho de Cristo.

EVANGELHO MT 20, 1-16A

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola: “O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário, que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e mandou-os para a sua vinha. Saiu a meia-manhã, viu outros que estavam na praça ociosos e disse-lhes: «Ide vós também para a minha vinha e dar-vos-ei o que for justo». E eles foram. Voltou a sair, por volta do meio-dia e pelas três horas da tarde, e fez o mesmo. Saindo ao cair da tarde, encontrou ainda outros que estavam parados e disse-lhes: «Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?». Eles responderam-lhe: «Ninguém nos contratou». Ele disse-lhes: «Ide vós também para a minha vinha». Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao capataz: «Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, a começar pelos últimos e a acabar nos primeiros». Vieram os do entardecer e receberam um denário cada um. Quando vieram os primeiros, julgaram que iam receber mais, mas receberam também um denário cada um. Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo: «Estes últimos trabalharam só uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o peso do dia e o calor». Mas o proprietário respondeu a um deles: «Amigo, em nada te prejudico. Não foi um denário que ajustaste comigo? Leva o que é teu e segue o teu caminho. Eu quero dar a este último tanto como a ti. Não me será permitido fazer o que quero do que é meu? Ou serão maus os teus olhos porque eu sou bom?». Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”.



REFLEXÃO

O Vigésimo Quinto Domingo (Ano A) sublinha a grandeza e a beleza do amor divino. Deus “é clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade” (salmo). Não só “é generoso em perdoar” (primeira leitura), como toma a iniciativa, vai ao encontro de todos a convidar para trabalhar no Reino dos Céus (Evangelho). E a todos também oferece generosamente o seu amor. O essencial não está na hora em que o convite é feito e acolhido, mas no assumir um estilo de vida “digno do Evangelho de Cristo” (segunda leitura), ou seja, “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

“Ide vós também para a minha vinha”

Nas parábolas contadas por Jesus Cristo, é típico o recurso a contrastes que provocam o suspense e a atenção dos ouvintes. É aí, nesses contrastes, que reside o conteúdo mais profundo da mensagem, como é o caso desta parábola.

O texto põe em destaque três elementos: a vinha, os proprietários e os trabalhadores. A vinha, na linguagem bíblica, sempre foi entendida como o povo de Deus: primeiro, o povo de Israel; depois, com Jesus Cristo, passa a ser a Igreja, novo povo de Deus. O proprietário, que é Deus, quer que todos façam parte do seu povo, quer que todos trabalhem na sua vinha. Por isso, em várias horas do dia, sai à praça pública a contratar trabalhadores. Hoje, os trabalhadores somos todos nós!

Deus Pai quer todos os filhos reunidos à sua volta, na sua companhia. O seu desejo de salvação é universal. Na parábola, Jesus Cristo mostra este projecto salvador ao referir que o dono da vinha sai à praça pública, em horas diferentes, desde muito cedo até ao cair da tarde, a contratar trabalhadores: “Ide vós também para a minha vinha”.

Jesus Cristo não pretende criar uma nova regra na lei laboral, mas ensinar “que, a qualquer hora do dia que Deus nos convide para «a sua vinha», o faz sempre porque nos ama e nos quer mostrar como o seu amor é inteiramente gratuito” (Manuel Madureira Dias, “Maravilhas de Deus. Homilias de um bispo”, 147). O ser e agir de Deus é misericórdia. E pensa sempre a partir dos “últimos”, dos descartados da sociedade. A essência da parábola assenta no amor e na misericórdia dados a todos, sem medida, sem fazer contas. Por isso, a todos é dado o mesmo salário.

“A moeda representa a vida eterna, dádiva que Deus reserva a todos. Aliás, precisamente aqueles que são considerados os «últimos», se o aceitarem, serão os «primeiros», enquanto os «primeiros» podem correr o risco de ser os «últimos». Uma primeira mensagem desta parábola está no próprio facto de que o Senhor não tolera, por assim dizer, o desemprego: quer que todos estejam ocupados na sua vinha. [...]. A Virgem Maria é o ramo perfeito da vinha do Senhor. Dela germinou o fruto bendito do amor divino: Jesus, nosso salvador. Que Ela nos ajude a responder sempre e com alegria ao chamamento do Senhor, e a encontrar a nossa felicidade no facto de poder trabalhar pelo Reino dos céus” (Bento XVI, *Angelus* de 21 de Setembro de 2008).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Dinâmica do Tempo Comum

1. Preparação Penitencial

Fórmula B: Tende compaixão de nós...

2. Aclamações

Sugerimos que as aclamações da assembleia, quanto possível, sejam cantadas.

Introdução à Liturgia da Palavra

A Palavra de Deus vem, uma vez mais, revelar-nos que nenhum de nós passa despercebido ao olhar de Deus. Participemos com toda a generosidade da mente e do nosso coração nesta mesa da Palavra de Deus que agora nos é servida!

Cuidados na proclamação da Palavra

Primeira leitura: Assumir consciência clara das duas partes do texto:

- A primeira “procurai o Senhor ... que é generoso em perdoar” é ritmada por imperativos. Exige-se uma proclamação viva, dinâmica;
- A segunda move-se por entre oposições. Será proclamada mais calmamente, com uma voz que manifeste e ajude a uma maior interioridade.

Segunda leitura: Iniciamos, neste Domingo, a proclamação da epístola de S. Paulo aos Filipenses e vamos continuar até ao 28.º Domingo. Que a preparação do trecho deste Domingo tenha em conta essa continuidade e constitua verdadeiro “pórtico”.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Oremos, irmãos e irmãs, a Deus Pai, que está perto de quantos O invocam e é misericordioso para com todos, e supliquemos confiadamente, dizendo (ou cantando):

R. Escutai, Senhor, a oração do vosso povo.

1. Para que a Palavra de Deus seja a vida e a luz da Igreja, e, em todas as horas da tarde e da manhã, haja quem trabalhe na vinha do Senhor com generosidade e alegria, oremos.

2. Para que os responsáveis pela economia mundial estejam atentos à realidade de todos os povos e defendam e promovam os direitos dos mais pobres, oremos.

3. Para que todos os cidadãos tenham emprego, os camponeses tempo favorável às colheitas, e cada família uma digna habitação, oremos.

4. Para que as nossas paróquias e cidades, sejam lugares de convivência, esperança e amizade, onde se invoque o Senhor e haja paz, oremos.

5. Para que cada um de nós, membro da assembleia dominical, sinta gosto em trabalhar no serviço do Evangelho e deixe que o seu coração se encha com os seus valores, oremos.

Senhor, nosso Deus, cujos pensamentos e caminhos estão muito acima dos nossos, fazei com que a palavra de Jesus nos desperte para o trabalho da sua vinha. Por Cristo, Senhor nosso.





MORREU O BISPO DO PORTO, D. ANTÓNIO SANTOS

O bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, faleceu na passada Segunda-feira, dia 11, aos 69 anos. O prelado foi vítima de ataque cardíaco, pelas 9h30.

Entre 2004 e 2006, D. António Santos foi bispo auxiliar de Braga.

Natural de Viseu, o prelado foi bispo de Aveiro durante mais de sete anos até ser nomeado bispo do Porto, em Fevereiro de 2014.

D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz, que tinha um encontro marcado com D. António Santos no dia em que o bispo faleceu, manifestou-se incrédulo com a notícia. “A morte de D. António

Santos veio aumentar a saudade que a Arquidiocese sempre sentiu por ele”, referiu.

“Tive a oportunidade de trabalhar com ele, tive-o como auxiliar, vivemos alguns anos de muita proximidade e a nossa proximidade mostrou-me que ele era próximo de todas as pessoas: sempre atento, sempre solícito, com a capacidade intelectual de se aperceber das situações e problemas das pessoas”, revelou à Renascença D. Jorge Ortiga.

D. António Francisco dos Santos foi sepultado ontem, numa cripta na capela de São Vicente, nos claustros da Sé do Porto.



AGENDA

16.09.2017

WORKSHOP "ALZHEIMER E OUTRAS DEMÊNCIAS: CONHECER PARA MELHOR CUIDAR"

09h30 / Centro Colibri

CONCERTO "EXPENSIVE SOUL"

22h00 / Parque da Ponte (Braga)

17.09.2017

PEREGRINAÇÃO DOS FRÁGEIS

14h30 / Cripta do Sameiro

PEREGRINAÇÃO

11h00 / Nossa Senhora do Alívio (Vila Verde)



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, Carla Santos, do Departamento da Pastoral da Saúde.

SEMANA BÍBLICA PRETENDE "DESPERTAR ESPERANÇA"



A “X Semana Bíblica” do arciprestado de Braga realiza-se de 2 a 5 de Outubro, no Auditório Vita.

As sessões têm início às 21h.

“Despertar Esperança” é o tema deste ano, que contará com as intervenções do Pe. João Alberto Correia e do Pe.

Hermenegildo Faria.

“Deus desperta a Esperança”, “Deus promete a Esperança”, “A Esperança não engana” e “As razões da Esperança” são os temas a tratar, respectivamente, entre os dias 2 e 5 de Outubro.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



TEMPO PARA DEUS

JACQUES PHILIPPE

A quem se destina a oração? Onde, quando e como devemos praticá-la? Estas são algumas das questões a que o livro “Tempo para Deus: Guia para a vida de oração” procura dar resposta, através de exemplos e conselhos concretos. “A humildade, o amor e a fidelidade são as únicas «qualidades» necessárias para aceder à fonte inesgotável que é o coração de Deus”, pode ler-se na sinopse.

PVP
12,62 €

10%
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 14 a 21 de Setembro de 2017.



LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt